



Projeto de Voto n.º 593/XVI/1.^a

De Condenação a Donald Trump pelo desrespeito à Ucrânia e ao Povo Ucraniano

A Ucrânia continua a travar uma luta existencial contra uma agressão brutal, lançada por um regime autocrático que nunca escondeu as suas ambições imperialistas. Desde 24 de fevereiro de 2022, milhões de ucranianos viram as suas casas destruídas, as suas cidades arrasadas, as suas famílias separadas e os seus direitos fundamentais pisoteados por uma força invasora cujo único objetivo é aniquilar a independência e a identidade nacional ucraniana.

Contra todas as probabilidades, um povo determinado e corajoso recusou-se a ceder. Com sacrifício e resiliência, enfrentou uma máquina de guerra brutal, provando ao mundo que a liberdade não é uma dádiva, mas uma conquista diária. A sua resistência não é apenas uma questão de soberania nacional, mas um ponto de ruptura na história europeia: se a Ucrânia cair, cairá muito mais do que um país – cairá o princípio de que a força não pode ditar o destino das nações.

Neste contexto, a recente visita do líder ucraniano à Casa Branca deveria ter sido um momento de reafirmação da aliança entre aqueles que defendem a liberdade e a soberania contra a tirania. O objetivo desta reunião era consolidar um novo acordo de segurança entre os dois países, um compromisso fundamental para garantir que a Ucrânia continuasse a ter os meios necessários para resistir à agressão russa. No entanto, este encontro foi transformado numa cilada e num fracasso diplomático devido à atitude lamentável de Donald Trump e do seu vice-presidente, JD Vance.

O que deveria ter sido um momento de cooperação e reforço dos laços entre aliados tornou-se numa demonstração de arrogância e desrespeito. Trump, com a sua retórica populista e descomprometida com os valores da democracia, não hesitou em atacar publicamente o líder ucraniano, colocando em causa o esforço e a resistência de um povo que luta diariamente pela sua sobrevivência. Perante as câmaras, em vez de reafirmar o compromisso com a Ucrânia, Trump exigiu “gradidão”, como se a defesa da liberdade fosse um negócio e não uma responsabilidade partilhada. A sua conduta foi ainda mais longe ao afirmar que a Ucrânia



“não está a ganhar” e que deveria “aceitar um acordo”, ignorando por completo a realidade do conflito e os princípios básicos da autodeterminação das nações.

A situação tornou-se ainda mais grave quando, após esta tensa discussão na Sala Oval, o acordo de segurança que estava prestes a ser assinado foi abruptamente cancelado. O resultado dessa falta de respeito foi um enfraquecimento da posição da Ucrânia no cenário internacional e um sinal de hesitação por parte de quem deveria ser um aliado firme e confiável. Esta decisão irresponsável não só compromete a capacidade da Ucrânia de se defender, como envia um sinal perigoso ao Kremlin e a outros regimes autoritários: a solidariedade ocidental pode ser volátil e sujeita a caprichos políticos.

Trump e Vance não são apenas responsáveis por um momento de vergonha diplomática – são cúmplices ativos do enfraquecimento da resposta à agressão russa. O seu comportamento não é apenas um erro estratégico, mas uma falha moral grave. Demonstraram que, sob a sua liderança, o compromisso com os aliados pode ser descartado sem hesitação e que os princípios democráticos podem ser ignorados quando não servem os seus interesses políticos imediatos. Esta política de instabilidade e desrespeito não prejudica apenas a Ucrânia – coloca em causa a credibilidade das democracias liberais e mina a segurança europeia e global. A autodeterminação das nações não pode estar sujeita à arbitrariedade de líderes que relativizam os direitos fundamentais e enfraquecem as alianças democráticas. A Ucrânia compreendeu isso e continua a lutar. Trump e Vance, pelo contrário, afastaram-se dos valores que deveriam defender. A História fará o seu julgamento.

O Passado já demonstrou que apaziguar ditadores não conduz à paz – apenas posterga conflitos, muitas vezes a um custo mais elevado. A decisão de Trump e Vance de desrespeitar a Ucrânia e sabotar um acordo de segurança crítico terá repercussões graves e duradouras. Se esta abordagem de capitulação e desconsideração pelos aliados prevalecer, será apenas uma questão de tempo até que outros regimes autoritários testem novamente os limites da fraqueza ocidental.

Portugal, como nação que conquistou e defende a sua liberdade e soberania, não pode permanecer indiferente perante este desvio dos valores fundamentais da democracia. A



Assembleia da República deve condenar, com clareza e firmeza, o posicionamento de Donald Trump e JD Vance, reafirmando que nunca aceitará soluções que recompensem a agressão e penalizem a resistência. A segurança europeia e global depende da determinação com que os Estados democráticos rejeitam qualquer forma de condescendência para com regimes expansionistas e opressores.

Assim, a Assembleia da República, reunida em sessão plenária, expressa a sua total condenação a Donald Trump e JD Vance pela sua conduta desrespeitosa para com a Ucrânia e o povo ucraniano, bem como pelo seu contributo para o enfraquecimento da resposta à agressão russa ao cancelar um acordo de segurança crucial para a resistência ucraniana. Reafirma que Portugal continuará a estar do lado certo da História, defendendo o apoio inequívoco à Ucrânia até que a agressão seja derrotada e a paz seja restaurada nos termos que garantam a sua soberania, liberdade e segurança, e apela a todos os países comprometidos com a democracia para que rejeitem, de forma clara e determinada, qualquer estratégia de apaziguamento com ditadores.

Palácio de São Bento, 28 de fevereiro de 2025

Os Deputados da Iniciativa Liberal,

Rodrigo Saraiva

Mariana Leitão

Carlos Guimarães Pinto

Joana Cordeiro

Mário Amorim Lopes

Patrícia Gilvaz

Rui Rocha

André Abrantes Amaral